

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALAIN DELON, A VIRTUDE DO SILÊNCIO
6 e 31 de Outubro de 2025**

**POUR LA PEAU D'UN FLIC / 1981
(A Coragem de um Homem)**

Um filme de Alain Delon

Realização: Alain Delon / Argumento: Alain Delon e Christopher Frank, baseado num romance de Jean-Patrick Manchette / Direcção de Fotografia: Jean Tournier / Direcção Artística: Théo Meurisse / Som: Jean Labussière / Montagem: Michel Lewin / Interpretação: Alain Delon (Choucas), Anne Parillaud (Charlotte), Daniel Ceccaldi (Coccioli), Jean-Pierre Darras (comissário Chaffard), Xavier Depraz (Kasper), Jacques Rispal (Bachhofer), Gerard Herold (Pradier), Pierre Belot (Jude), Annick Alane (Isabelle Pigot), Pascale Roberts (Renée Mouzon), etc.

Produção: Adel Productions / Produtor: Alain Delon / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendas electrónicas em português / Duração: 106 minutos / Estreia em Portugal: City Cine e Vox, a 25 de Março de 1982.

À entrada dos anos 80, Alain Delon resolveu ser realizador de si próprio (além de produtor, e co-argumentista...), contrariando o que sempre tinha dito – que esse era um salto que nunca daria, crente na ideia que um provérbio em língua portuguesa exprime muito bem, “cada macaco no seu galho”. **Pour la Peau d'un Flic** correu bastante nas bilheteiras (13º filme mais visto naquele ano de 1981 em França, cerca de dois milhões e meio de bilhetes vendidos), apesar da reacção da crítica ter oscilado entre a indiferença e a hostilidade, e isso terá encorajado Delon a repetir a proeza, dois anos mais tarde, com **Le Battant**, outro filme de cariz policial. Mas depois disso, mais nada; este par de filmes, feito em dois anos, foi tudo o que ficou de Delon no “galho” da realização.

Le Battant era dedicado a René Clément, um dos realizadores preferidos de Delon e autor de um dos filmes mais emblemáticos da sua carreira, **Plein Soleil**. **Pour la Peau d'un Flic** também traz uma dedicatória, a um conspícuo J.-P-M., obviamente Jean-Pierre Melville, e não deixa de ser um gesto de uma delicadeza e de um reconhecimento em cuja genuinidade se pode acreditar, isto de Delon ter aproveitado os filmes que realizou para homenagear alguns dos realizadores com que mais gostou de trabalhar, que mais influência tiveram na modelação da sua presença enquanto actor e personalidade, com que mais aprendeu. Embora, evidentemente, não se possa comparar, **Pour la Peau d'un Flic** conserva bem os traços que ligam Delon ao cinema de Melville, desde o recorte solitário da personagem aos ambientes que se percorrem, passando até pela maneira de pôr as coisas a funcionar – se nunca estamos, claro, no nível de sofisticação e de ritualização dos filmes de Melville, há um punhado de cenas, de planos, de enquadramentos, que mostram bem como Delon foi um aluno aplicado, e que não caiu em saco roto a lição de *mise en scène* ministrada por Melville.

De resto, toda esta principal especialização de Delon nesta época pode ser vista como uma declinação, uma corruptela, da figura que os filmes de Melville esculpiram nele. Tinha-se tornado, sobretudo, um actor de policiais, e ainda no anterior protagonizara **Trois Hommes à Abattre**, de Jacques Deray, um filme baseado num romance de um mestre do polar, Jean-Patrick Manchette, autor a que Delon voltou para a sua estreia na realização.

A história é boa, claro, labiríntica, cheia de falsas pistas, assente essencialmente numa sessão de encontros e mini-interrogatórios com personagens quase sempre fugazes, temperada aqui e ali por cenas de acção mais violentas ou mais espectaculares - a cena de perseguição automóvel nocturna pelas ruas de Paris, com o belo Lancia Delta de Delon em contramão, até podia ter inspirado uma sequência muito aproximável, e igualmente parisiense, mas com uma motorizada, num dos episódios das **Mission: Impossible** de Tom Cruise e Christopher McQuarrie. Evidentemente, não falta também o “interesse romântico”, na pessoa de Anne Parillaud, que sendo uma actriz excelente está aqui reduzida a um papel pouco mais que decorativo (mas também é, essa personagem, ou sobretudo o seu estatuto dentro da narrativa, a única coisa realmente estereotipada dentro deste filme).

É um bom divertimento, bem melhor do que a reputação que traz incrustada, e o pragmatismo (não isento de algum humor, de alguma irrisão, de algum “segundo grau”) que Delon traz à realização é um mérito por si próprio. Ocorre-nos que ele podia ter sido (tivesse o talento e a vontade) uma espécie de Clint Eastwood francês, a trabalhar os contornos da sua própria persona cinematográfica, a brincar mais ou menos perversamente com os “arquétipos de masculinidade”, a interrogar a figuração da violência. Evidentemente, Delon, por todas as razões, não chegou a ser nada disso. Mas quando vemos a queda, bastante auto-punitiva, para se filmar como um corpo sempre a ser atingido e ferido, até acabar o filme com o rosto todo entrulado, só com um olho fora das ligaduras, quando vemos este mini-ensaio de auto-figuração em modo sado-maso (e mais maso que sado), é mesmo de certos filmes de Clint que mais nos lembramos.

Luís Miguel Oliveira